

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jan.-ago.-dez. 1965. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jul.-out.-dez. 1966. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jul. 1967. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jan.-abr.-mai.-nov. 1968. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, abr.-set.-nov. 1969. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, fev. 1971. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jan.-abr.-out. 1972. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, fev. 1973. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, fev.-mar.-abr.-jun. 1974. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, mar.-mai.-out. 1975. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, mar.-jul.-ago.-set.-nov. 1976. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jan.-fev.-mar. 1977. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, fev.-mai.-ago. 1978. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, jun.-set. 1980. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, mai. 1982. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, fev. 1987. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, mai.-ago. 1989. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, mar. 1995. [s.d.t.]

REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, nov. 1999. [s.d.t.]

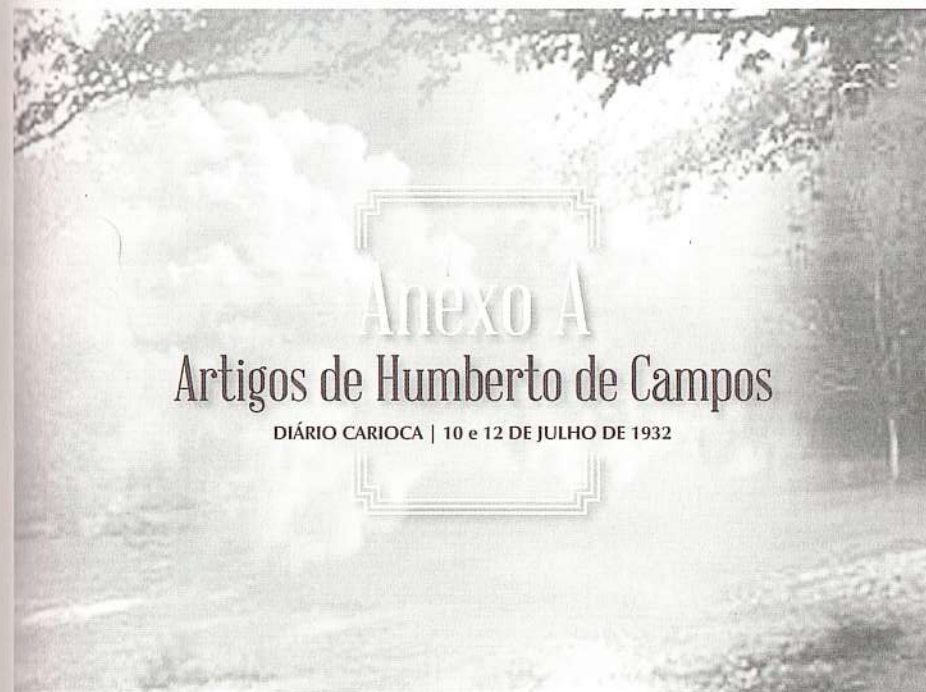
REFORMADOR. Rio de Janeiro: FEB, abr. 2009. [s.d.t.]

XAVIER, Francisco Cândido; JOVIANO, Wanda Amorim (Org.). *Militares no além*. Ditado por espíritos diversos. 2. ed. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido; LEMOS NETO, Geraldo; JOVIANO, Wanda Amorim (Orgs.). *Depois da travessia*. Ditado por espíritos diversos. Votuporanga: Didier/Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido; SANTOS, Eugênio Eustáquio (Org.). *Registros imortais*. Ditado por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido; WEGUELIN, João Marcos (Org.). *Palavras sublimes*. Ditado por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014.



reunindo-as, acaba de publicar o "Parnaso de Alem-Tumulo", editado pela Federação Espírita Brasileira.

O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literario da obra, é a idéa de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediavel, que a victima não se livra dessa maldição nem mesmo depois da morte. Quem fez sonetos ou redondilhas neste planeta, está condenado a fazel-as em todos os pontos do espaço e da eternidade a que o leve o dedo divino. E sem variar de themas. E sem modificação de rythmos, de rimas ou de inspiração.

Admittindo essa verdade, a vida literaria no outro mundo deve ser mais variada, embora mais fatigante, do que neste. Lá estarão, ainda, Anchieta, a celebrar a Virgem Maria em língua tupy; Botelho de Oliveira a cantar no estylo da "Ilha da Maré" e da "Musica do Parnaso"; Claudio Manoel da Costa, escrevendo sonetos classicos; Gonçalves Dias, com a sua lyra romantica; e os parnasianos; e os symbolistas; e os futuristas, que morreram antes do futurismo morrer. A vantagem apresentada por essa reunião de escolas ficará, todavia, comprometida pela eternidade da producção. A superioridade que esta vida apresenta sobre as outras está, precisamente, no seu character transitório. Quando um individuo, entre nós, dizendo-se benquisto dos deuses, empunha a lyra, ficamos certos, desde logo, que elle um dia emmudecerá. E é esse consolo que não têm os habitantes do Astral, os quaes se acham condemnados a escutar os maus poetas até a consummação dos seculos.

O Inferno catholico é, nesse particular, mais bem organizado do que os mundos em que o espiritismo colloca os mortos. Quando Dante nelle penetrou, lá encontrou Virgílio, e outros mestres latinos e medievais. Travou com elles palestras, sobre a existencia que levavam; e nenhum lhe recitou versos novos, – facto que prova, e sobejamente, que os Demonios lhes tomaram a lyra, a bem da ordem interna do estabelecimento, no momento da entrada.

O "Parnaso de Além-Tumulo" do sr. Francisco Candido Xavier torna-se, por isso mesmo, interessante para os poetas vivos

(Continua na 4ª pagina)

POETAS DO OUTRO MUNDO...

(Continuação da 1ª pagina)

embora constitua uma terrivel ameaça para os que detestam a linguagem rimada ou rythmada. "Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!" Lá dentro, no reino da Morte, ha poetas, e elles cantam. E cantam como cantavam aqui, sem omissão, siquer, da linguagem preciosa que aqui utilizavam. "Muitas vezes, – confessa o "medium" no prefacio da obra, – muitas vezes, ao recebermos uma destas paginas, era necessario recorreremos ao dictionario, para sabermos os respectivos synonymos das palavras nellas empregadas, porque tanto eu como meus collegas as desconheciamos em nossa ignorancia". Não obstante a mudança de clima, cada um conserva, por lá, as suas virtudes e defeitos literarios.

Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciencia, se não confessasse que, fazendo versos pela penna do sr. Francisco Candido Xavier, os poetas de que elle é interprete apresentam as mesmas characteristics de inspiração e expressão que os identificavam neste planeta. Os themas abordados são os que os preocupavam em vida. O gosto é o mesmo. E o verbo obedece, ordinariamente, a' mesma pauta musical. Frouxo e ingenuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcastico e variado em Junqueiro, funebre e grave em Anthero, philosophico e profundo em Augusto dos Anjos, – sente-se ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para cantar neste instante, a inclinação do sr. Francisco Candido Xavier para escrever "A' la

